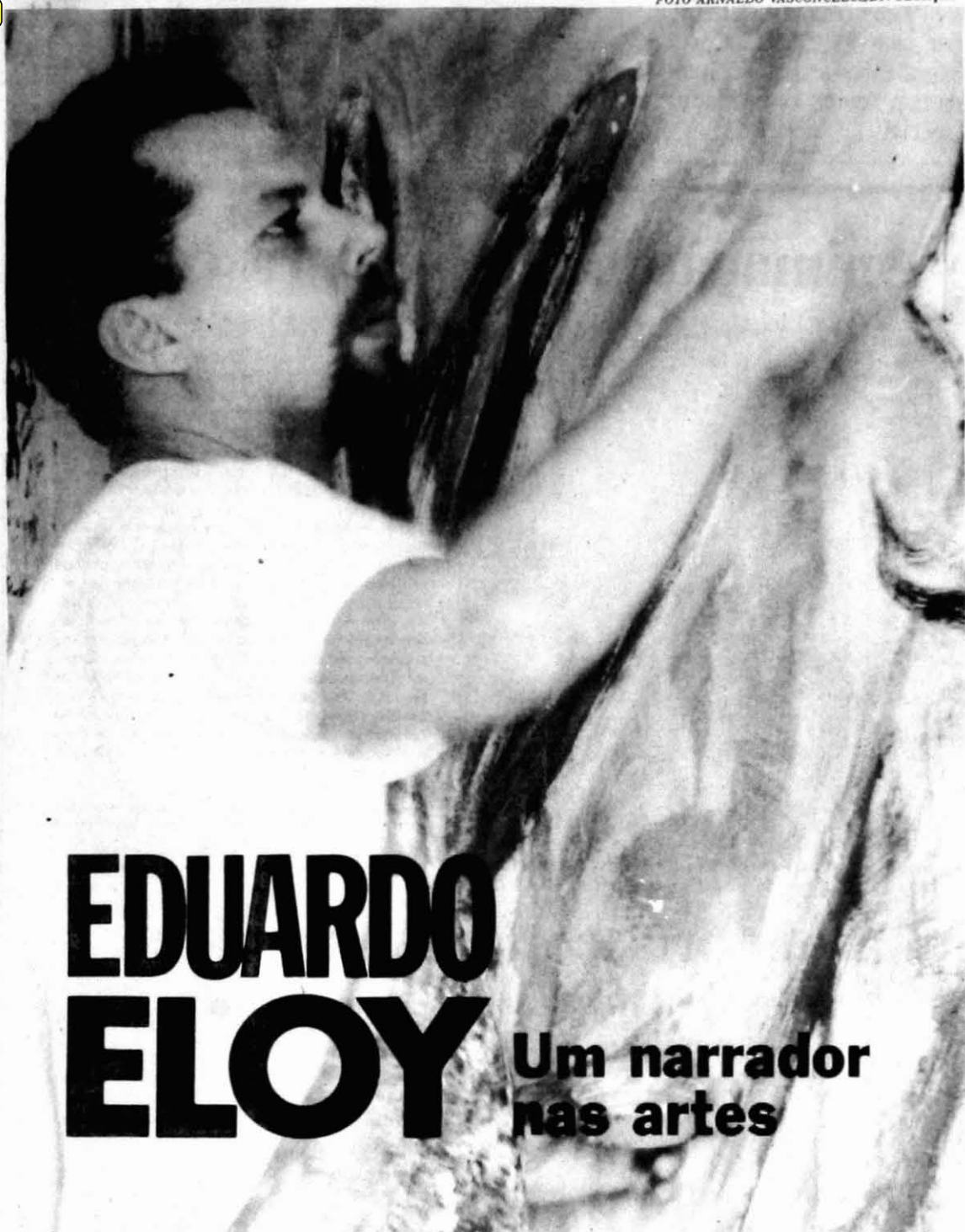


FOTO ARNALDO VASCONCELOS/DIVULGAÇÃO



EDUARDO ELOY

Um narrador nas artes

O artista plástico **Eduardo Eloy** inaugura nova individual

Eduardo Eloy percorreu o caminho inverso de vários artistas plásticos cearenses, que precisaram deixar a terra para alcançar sucesso lá fora. Ele investiu na sua formação, longe de casa, para só então voltar, vitorioso, e aqui reluzir seu brilho como pintor consagrado pela crítica. Citado em livros de artes, somente expôs em Fortaleza, individualmente, em 1982. Agora, repete a dose, com exposição na LM Escritório de Arte programada para o período de 30 desse mês a 21 de setembro.

Artista reconhecido, Eloy é exigente consigo mesmo. Já participou de várias coletivas, no Ceará, no Rio de Janeiro, no Paraná, em Pernambuco, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Bahia, e até no Exterior, como as expôs de Montecelio, na capital italiana, a Mail Art, da Holanda, e a Art Later Mail Art, da Alemanha. A trajetória de se mostrar profissionalmente vem desde 1978.

A premiação é uma das formas de reconhecimento do valor de Eloy, que acumula também elogios da crítica especializada. Sobre o seu trabalho, Jacob Klintonitz, curador da 21ª Bienal Internacional de São Paulo, comentou: "Eduardo

Eloy tem como característica mais evidente, uma qualidade rara em nossos dias de uma arte gerada principalmente pela concepção conceitual: para ele, as qualidades de forma, cor e textura são a própria razão de seu trabalho. Certamente, o artista tem outros elementos que entram na complexa composição de sua formação de artista e de seus estímulos particulares, mas ressalta imediatamente a parte lúdica de seu trabalho e a sua sensibilidade em armar estruturalmente o trabalho."

Para Eloy, outra forma de valorização de sua obra foi a participação no "Panorama da Arte Atual Brasileira — Pinturas", ocorrida no ano passado. A mostra, como ressalta, "possibilitou uma visão da pintura brasileira, hoje, e da arte contemporânea em seu conjunto". O currículo inclui várias premiações, que ele destaca a "Medalha de Prata Pietro Maria

Bardi", conferida pelo II Salão Pirelli de Pintura Jovem, no MASP, em São Paulo.

"Cria" da Escola de Artes Visuais no Parque Laje, do Rio de Janeiro, onde fez cursos de gravura em metal e de litogravura. Eduardo está sempre cobrando, de si mesmo, o compromisso com a qualidade. A exposição da LM reúne 14 trabalhos. De suas obras, ele analisa: "Algumas adquirem caráter narrativo, outras, não. O que está em jogo mesmo é a pintura. O que vale é o ato de pintar, mesmo que um mundo bonito e fracionado."

A última individual de Eloy foi em 1987, na Galeria Contemporânea, de Montevideo. Em Fortaleza, só expôs em 1982, quando retornou de seu aprendizado no Rio. Ele justifica os longos intervalos ao dizer que "uma individual é da maior responsabilidade, porque representa a visão una da proposta do artista. Somente agora, quando senti que a obra estava pronta foi que pensei nessa exposição como algo concreto." O fato de manter uma produção regular e de ser um dos pintores mais solicitados pelas galerias não o torna menos exigente com o que faz, (M.G.)

Individual de Eduardo Eloy, com 14 telas, na LM Escritório de Arte, de 30 de agosto a 21 de setembro (coincidentemente, dia do aniversário do artista). Fica na rua Torres Câmara, 192, Aldeota. Abertura às 21 horas.

Por inteiro, na individual

Até mesmo quando exerce a profissão paralela de professor, Antônio Eduardo Eloy Ferreira da Silva, 34 anos, é um artista. No Museu de Arte da UFC, ensina a trabalhar com gravura e papel artesanal. Eloy tem formação no Rio de Janeiro, na Escola de Artes Visuais do Parque Laje, e em outros centros especializados nas artes plásticas. Premiado nacionalmente, coleciona elogios da crítica e de companheiros, como um dos profissionais mais talentosos do Ceará. Sempre no Rio, onde permaneceu durante anos, Eduardo fez cursos de xilogravura de planificação e distorção em metal, de escultura em metal,

de gravura em metal, litografia, de gravura em carborundum e tantos outros. Retornou a Fortaleza em 1981. Desde 1976 participa de coletivas, mas fez apenas três individuais. Tem obras em acervos do Museu Cívico Sezione Grafica, em Pescia, na Itália, na Fundação Acosta Dantas, em Montevideo, na Pirelli de São Paulo e no MAUC, em Fortaleza. Está citado nas publicações "Uma visão da arte no Ceará", editada pela Galeria Ignez Fiúza, no "Brasil: Arte do Nordeste", da Editora Espala, do Rio de Janeiro, e na edição de "A Natureza na Arte Brasileira", organizada por Jacob Klintonitz.

Projeto mostra a força da cultura

O Projeto Festas e Folguedos Populares está completando um ano. A iniciativa de um grupo de pesquisadores, ligado à Secretaria de Cultura do Estado, percorreu o sertão e o litoral registrando manifestações do povo. Por meio de fotografias, gravações em vídeo e entrevistas com os brincantes e organizadores das festas, os pesquisadores buscaram apresentar o homem cearense "em seus momentos de alegria e arte" (ver box). Um pouco da importância do projeto pode ser conhecido na II Mostra do Folclore Cearense que acontece até dia 8 no Museu de Arte da UFC (Mauc), jardins da Reitoria e Concha Acústica da UFC.

Dentro da Mostra, o projeto está participando com duas exposições: uma de fotos de Dário Macedo, que captou cenas das festas e folguedos e uma outra, de mamulengos e personagens do Bumba-Meu-Boi, criados pelo artesão, bonequeiro, poeta, cantor e compositor Pedro Boca Rica, o homenageado maior da Mostra. Além destas, está havendo diariamente no Mauc exibição de vídeos realizados por Rosenberg Cariry, que participa do projeto como um colaborador independente. "Juazeiro, Juazeiro", "Folguedos Populares do Ciclo Natalino", "Corno e Cornagem" e "Valdemar dos Passarinhos" são os vídeos exibidos em horários diversos.

Olga Paiva, filósofa com pós-graduação em pesquisa interdisciplinar; Martine Kunz, PhD em Letras, com tese sobre Literatura de Cordel; Cica de Castro, autora teatral e arquiteta; Dário Gabriel, fotógrafo; e Edvar Costa, professor com mestrado em Pedagogia formam o núcleo central do grupo de pesquisa, que originalmente estava sob a coordenação do jornalista Oswald Barroso. Oswald foi para a França participar de um curso na área de produção cultural e Edvar Costa é seu substituto. Além deles, o projeto conta com uma equipe de apoio.

A idéia inicial era registrar durante um ano todo o ciclo de festas e folguedos. Mas as dificuldades de verbas fizeram com que, por exemplo, o ciclo natalino não fosse registrado. "A situação do pesquisador é tão artesanal quanto o objeto

pesquisado", diz Olga. Tanto ela como os demais pesquisadores trabalham com um nível mínimo de infra-estrutura, mas isso não os desanima. "Já houve casos em que ficamos numa praça toda a noite até aparecer um lugar numa pensão", conta Cica. Andarem com a rede a tiracolo é comum.

Todos eles fazem questão de comentar o apoio da Secretaria de Cultura, Violeta Arraes, mas lembram que a cultura no País é vista como um tema irrelevante. As medidas do governo Collor, nesta área, são uma prova disto. A precariedade com que vem se desenvol-

vendo o projeto não é de todo negativa. "Porque nos aproxima mais da realidade a ser estudada", explica Olga. Numa comparação bem-humorada, Cica de Castro fala que o projeto acaba sendo meio mam-bembe, com as manifestações pesquisadas.

A intenção não é fazer um estudo sociológico aprofundado. Numa primeira abordagem, eles estão se limitando a um registro fotográfico e textual das manifestações, levando ao público fatos que não são conhecidos. Isto não quer dizer que algum pesquisador independente possa realizar uma tese mais aprofun-

Festas e Folguedos cearenses

O levantamento do Projeto Festas e Folguedos Populares do Ceará foi iniciado em setembro passado. As primeiras festas registradas foram as de Nossa Senhora da Saúde (Mucuripe/Fortaleza) e Nossa Senhora das Dores (Juazeiro). Em outubro, foi a vez da Festa de São Francisco (Canindé). Em novembro acontecem sempre a de Finados (Juazeiro), a de Todos os Santos ou Festa das Mulheres (Ocara). Em dezembro é a do Senhor do Bonfim (Icó).

No início do ano, a Festa de São Sebastião, em janeiro (Barra do Ceará/Fortaleza) dá início ao ciclo oficial. Em fevereiro, Nossa Senhora das Candeias (Juazeiro). Abril, acontecem festejos da Semana Santa em diversos lugares por todo o Estado, mas o projeto registrou apenas as de Juazeiro (Penitentes), Barbalha e Jardim (Caretas). No mês de maio, a Festa do Pau da Bandeira leva uma legião de fiéis de Santo Antônio a Barbalha, onde, para provar a rivalidade — afinal o santo é associado à noção de casamento, fecundidade — os homens carregam uma grossa tora de madeira do meio da ma-

ta até a cidade, sem a ajuda de tratores.

Em junho, o projeto registrou a festa de São Pedro (Camocim), uma grande procissão marítima. Em agosto acontece a festa de Iemanjá (Fortaleza). As festas do ciclo natalino não foram registradas por falta de verba, mas o vídeo independente de Rosenberg Cariry, em exibição no Mauc, dá ao público uma bela visão deste ciclo.

Já os folguedos registrados foram o Congo (Milagres), Drama (Sobral e Campos Sales), Fandango (Mucuripe e Aracati, este município já teve um fandango bem ativo, mas o folguedo está extinto e os pesquisadores se limitaram a conversar com testemunhas), Guerreiro (semelhante ao Reisado, em Juazeiro), Pastoril (Juazeiro, Fortaleza, Sobral, Aracati e periferia de Campos Sales), Dança de São Gonçalo (Juazeiro), Caninha Verde (Mucuripe/Fortaleza), Maracatu (Fortaleza), Reis de Congo (Juazeiro, Crato, Barbalha e Campos Sales), Reis de Careta (Canindé, Sobral, Campos Sales e Aracati), Bumba-Meu-Boi (Pirambu/Fortaleza e Camocim).



As pesquisadoras **Cica, Olga e Martine** mapeiam os folguedos populares no Ceará

FOTO DÁRIO GABRIEL/DIVULGAÇÃO



Luxo e riqueza no mundo afró-cearense dos maracatus